

REVISITANDO MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR: PARA ALÉM DAS RESISTÊNCIAS

A memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais. (CHAUI, 2005)

O pensamento citado acima tem para mim bastante significado. Isto porque venho, aos poucos, buscando a melhor maneira de relatar tudo o que fui e fiz na infância, como também na escola. Para isso, fazia-se necessária uma viagem, que tinha como objetivo reunir tudo o que fui e sou, o que me levaria a reviver sentimentos, vivência e experiências que estavam muito bem guardadinhas nas caixinhas de minha memória.

Confesso que relutei um pouco para iniciar essa viagem, porque sabia que vivenciaria um turbilhão de emoções: muitas que me fariam sorrir, e algumas que, talvez, me fizessem chorar, pois, como bem disse a autora, a lembrança reacende, novamente, aquilo que jamais retornará. (CHAUI, 2005)

No decorrer da viagem, percebi o quão é significativo esse encontro ou reencontro, que me inundou de lembranças, as quais, de alguma forma, estão provocando alguma mudança dentro de mim. E, nesse percurso, minha mãe foi companhia indispensável, instigando minhas memórias e também contando fatos por mim esquecidos; foram muitas horas de estímulos!

Conversando com ela, vieram-me à memória inúmeros flashes de meu tempo de criança. De acordo com minha mãe, eu era uma criança extremamente inteligente. Antes de ir à escola, já conhecia quase todas as letras do alfabeto, já sabia contar até dez; já ficava ligada na conversa dos adultos e, se alguma coisa se perdesse em casa, meu avô logo me perguntava onde estava. Eu ia lá e, rapidamente, achava. Tudo isso porque eu havia chorado na barriga de minha mãe e também porque minha avó me estimulava bastante: me ensinou o alfabeto, as cores primárias, contar até 10 e, todos os dias, me contava uma história para dormir.

De acordo com minha mãe, o meu choro na barriga, durante a gestação, era para ser um segredo, e meu avô, contidamente, pedia para que ela não me contasse o que havia acontecido. Contudo o que era para ser um segredo foi revelado a mim, por minha mãe, no período que passei a frequentar a escola.

Meu primeiro contato com o espaço escolar aconteceu quando tinha dois anos e cinco meses. Nesse período, passei a frequentar a antiga Escola Municipal Dom Bosco, no Município de Mamanguape - PB. A interação foi muito boa; durante algum tempo, não tive problemas em realizar as atividades normais da escola. Não sei exatamente o que houve, mas sei que alguma coisa mudou, pois a garotinha que era extremamente inteligente passou a ter inúmeras dificuldades para aprender a ler e escrever. Recordo-me, com muita clareza, esse período, que é para mim extremamente marcante. Sempre escutei de meus pais que meu avô afirmava que eu havia ficado burrinha depois que minha mãe revelara o segredo do choro na barriga e que ela havia revelado porque tinha medo que de eu contasse algumas coisas referentes ao passado dela. Isso porque, para meus avós, havia algo de místico no fato de eles terem me ouvido chorar, por várias vezes, ainda na barriga de minha mãe.

Lembro-me de que fui colocada em vários reforços escolares, mas eu simplesmente não lia. Esse período é muito marcante para mim porque foi um tempo de muitas cobranças e comparações com meu irmão. Ele conseguia avançar nas aprendizagens, enquanto eu era sempre retida, por não saber ler. Até os dias de hoje, para meus pais, meu irmão é o filho mais inteligente. Realmente, ele é muito inteligente!

Por algum motivo, eu simplesmente não aprendia a ler e, à medida que o tempo passava, eram feitas uma tentativa após a outra, e nada. Hoje, compreendo que talvez o problema não estivesse só em mim, mas também na maneira como o ensino estava sendo orientado. Considere-se que a aprendizagem não ocorre do mesmo modo para todos os sujeitos. Na prática, ela se desenvolve de maneira subjetiva e individual, de acordo com as características de cada pessoa. Concordo com Pereira (2010, p. 114), quando afirma:

[...] cada sujeito aprende a seu modo, do seu jeito, dentro de um ritmo e tempo próprios, que as intervenções internas e/ou externas são motivações, estímulos que produzem no sujeito uma forma muito especial de aprender.

Talvez meu ritmo não fosse igual ao dos demais colegas, ou o ensino não tivesse para mim significado; ou, ainda, não houvesse motivação – não sei exatamente. Após algumas trocas de reforços, indicaram à minha mãe Rosane, professora de reforço bem conceituada. Comentava-se que quem passava pelas mãos dela aprendia a ler. Tia Rosane, era assim que

eu a chamava. Não recorro quanto tempo fiquei com ela, quais os métodos que utilizava. Só sei que, com ela, realmente aprendi a ler e consegui sair do martírio da alfabetização.

A verdade é que, possivelmente, tia Rosane compreendia que cada criança possui uma forma própria de aprender e se desenvolver. Sem dúvida, procurou perceber minha história, singularidade e minha forma própria de aprender. Não consigo me recordar como aprendi a ler, todavia chegaram em minha memória flashes de minha mãe indo me deixar no reforço, de momentos em que eu estava sentada na mesinha com ela ao meu lado e das despedidas que eram regadas de muito carinho.

Depois que aprendi a ler com tia Rosane, não tive mais atropelos; as reprovações acabaram, e não me recorro de fatos ruins relacionados à minha aprendizagem na primeira fase do Ensino Fundamental. Passei a estudar na Escola Estadual Luiz Aprígio, na Cidade de Mamanguape. Recorro-me da voz engraçada da professora Gláucia, que me acompanhou por todo o primário; das gincanas escolares; das provas orais que, quando não eram com a tabuada, eram com inúmeras perguntas decoradas – e aí de quem não acertasse. E, ao relembra as perguntas decoradas, senti uma saudade imensa de minha avó, que, todos os dias, nos ajudava a fazer a tarefa e, nos período de provas, ela nos colocava para estudar. Em seguida, fazia a sequência de perguntas passadas pela professora e, quando eu e meu irmão acertávamos, ela sempre contava uma história regada de muita emoção e fantasia. Eu amava ouvir, pois me transportava para aquele mundo imaginário que as crianças adoram.

O tempo passou, e tive que mudar de escola, para iniciar a segunda fase do Ensino Fundamental. Passei a estudar na Escola E.E.F.M. Senador Ruy Carneiro. A adaptação não foi boa. Demorei muito para me acostumar com a dinâmica e o tempo das aulas, com os diversos professores e metodologias e, principalmente, com a atenção que não existia. Eu, literalmente, me sentia largada. Para minha mãe, eu estava mal acostumada com a facilidade da antiga escola. E ela dizia: – Se ficar reprovada, vai levar uma surra do seu pai e outra minha. O fato é que tudo era muito diferente, principalmente as aulas de História e de Matemática.

Matemática, porque parecia que eu não havia aprendido nada, antes, relativamente à disciplina. Eu, simplesmente, não entendia, voava nas aulas e, de quebra, levava uns gritinhos por não prestar atenção. Minha sorte era meu irmão, que, como sempre, era muito inteligente. Ele fazia meus trabalhos e me ensinava o que eu não conseguia aprender nas aulas. No entanto quem tocava o terror mesmo era a professora de História. Euds era seu

nome. Recordo-me bem da primeira aula. Tivemos que escrever e ler uma série de regras acerca do que podíamos ou não fazer nas aulas da professora.

O primeiro ano foi muito difícil para mim, as aulas eram muito tradicionais para cada conteúdo. Tínhamos exercícios enormes para fazer, decorar. Depois, todos nós passávamos pela revista, o visto da professora. As provas eram horríveis; era necessário decorar várias atividades, sem contar que eram realizados dois tipos de provas, feitas em duas etapas. Isso, para mim, era um tormento. Nos períodos de provas, o silêncio do quarto era meu único companheiro no decorar dos exercícios. Como sempre, meu irmão tirava de letra. Enquanto minha mãe me privava das brincadeiras, meu irmão brincava, se divertia; suas notas estavam sempre entre as melhores da sala.

Ao recordar dos tormentos vividos nos períodos de provas, lembrei-me da experiência semelhante vivida por Gilberto Dimenstein e Rubens Alves (2003), quando apontam para a contrariedade das escolas que teriam sido moldadas pela cultura do livro, com a aplicação de provas sem consulta. Para se tornar “dono” do conhecimento, o professor lê o livro, mas não sabe usá-lo. “O que o professor diz quando vai dar a prova? Ele diz: Agora fechem o livro” (DIMENSTEIN; ALVES, 2003, p. 57).

Era exatamente o que ocorria nas provas da professora Euds: ela mandava fechar os livros e, em seguida, fazia uma revista em todas as carteiras. Finalizava pedindo que mostrássemos as mãos, com o propósito de ver se algum de nós tinha colocado fila nas mãos. Durante os quatro anos em que Euds foi minha professora, não deixei de ir para a prova final em nenhum dos anos. Eu, simplesmente, não conseguia acompanhar o grande volume de atividades e as exigências características das aulas da professora.

Acredito que esse tradicionalismo em extremo me ajudou a, simplesmente detestar estudar história, o que se agravou no Ensino Médio. Passei a estudar na E.E.E.M. Luiz Gonzaga Burity, na Cidade de Rio Tinto - PB. Transferi-me porque eu não gostava do ensino e acreditava que mudar de escola era a melhor opção. Mas, para mim, foi grande engano. Apesar da mudança de ambiente e professores, nada mudou no que se referia à metodologia em sala. As aulas eram sempre carregadas de exposições, seguidas de exercícios a serem decorados e repetidos nas provas. Eu continuava a detestar História e Matemática.

Assim foram os três anos no Ensino Médio. Não me recordo de nenhuma experiência marcante ou positiva relacionada à minha aprendizagem nesse período. O que

era positivo para mim era o fato de não ficar mais trancada em casa estudando para prova. Tive dificuldades, mas não fiquei retida. Isso foi para mim o mais importante.

Hoje, compreendo que não éramos vistos como sujeitos em desenvolvimento, mas, sim, como caixas em que deveria ser depositada uma infinidade de conteúdos. A verdade é que não havia respeito, o que me faz recordar novamente Dimenstein e Alves (2003), na forte crítica ao tradicionalismo da escola, ao obrigar seus alunos a seguirem um programa curricular atrasado e descontextualizado.

O fato é que, ao refletir sobre minha trajetória escolar, compreendo que não havia diálogo, mobilização, estímulos e reflexão; não havia respeito às nossas formas de ver e pensar o mundo e, principalmente, às nossas necessidades e curiosidades. O que existia, realmente, era um programa que deveria ser executado e absorvido por nós, meras caixinhas ambulantes.

Referências

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2005.

DIMENSTEIN, G. e ALVES, R. **Fomos maus alunos**. Campinas, Papirus, 2003.

PEREIRA, Débora Silva de Castro. **O Ato de Aprender e o Sujeito que aprende**. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v18n16/v18n16a10.pdf> Acesso em Maio de 2016.

Josinalva Silva Paulino
Projovem Urbano - Mamanguape - PB

Josinalva Silva Paulino

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. Durante a graduação, foi monitora da disciplina Pesquisa em Educação durante dois anos. Especialista em supervisão e orientação educacional, especialista no ensino da Matemática para o Ensino Fundamental. Atualmente, ministra a disciplina participação cidadã no Projovem Urbano (Ensino Fundamental) no município de Mamanguape — PB. O artigo relata sua trajetória escolar entre 1985 e 1998.

Email: josinalva1982@gmail.com

Recebido em: 30/09/2016

Aprovado em: 18/11/2016